

A Produção Agro-Extrativa na Construção do Espaço Socioeconômico na Comunidade Quilombola de Abuí, no Rio Trombetas, Oriximiná-PA.

ARAÚJO, Cauan Ferreira.

Resumo

O presente trabalho procura levantar as problemáticas comunitárias relacionadas à produção de alimentos, no seu contexto socioeconômico, de forma a contribuir com as ações para uma maior autonomia e qualidade de vida.

Através de reuniões com a comunidade, entrevistas livres e observações, foram caracterizadas problemáticas centrais, que serão alvo de análises diferenciadas porem sempre inter-relacionadas. Dentre as quais a que será mais longamente abordada nesse artigo esta relacionada a (re)produção do espaço pela prática agrícola na comunidade, sobretudo pelo sistema de *rotação de terras*.

A pratica de rotação de terras tem se mostrado eficiente no que diz respeito à fertilidade dos solos, mas começa a apresentar problemas devido ao crescimento da população. Pois as áreas a beira do lago estão cada vez mais ocupadas, e também as áreas dos castanhais são uma barreira para a expansão desse sistema agrícola.

Logo, é necessário o desenvolvimento de uma agricultura que possa aproveitar melhor as "capoeiras". Para esse fim a aplicação de SAFs (Sistemas Agro-Florestais) pode colaborar em grande medida.

Palavras-chave: Organização rural, matrizes produtivas locais, segurança alimentar, comunidades quilombolas, sistemas agro-florestais.

Contexto

O presente estudo visa analisar as relações das praticas tradicionais de produção de alimentos, como elemento da construção do espaço vivido. Objetiva com isso a solidificação de um discurso, que seja claro e isento, mas que demonstre o imprescindível valor dos conhecimentos locais para uma melhor qualidade de vida, como também pela defesa de um modo de viver e interagir com o meio muito mais respeitoso e harmônico contrapondo-se a cultura do consumo urbano.

A partir desse objetivo teórico-ideológico, que deve ser relacionado diretamente com os interesses da comunidade estudada, devemos identificar/desenvolver estratégias para a segurança alimentar, autonomia comunitária, e melhorias nas condições de vida local.

Primeiramente se faz necessário um resumo histórico do povoamento e da consolidação desses grupos enquanto comunidades, e as (re)criações culturais que sempre guiaram os quilombolas para um ideal de "*liberdade na floresta*".

Segundo ACEVEDO e CASTRO os escravos do Baixo Amazonas iniciaram as ocupações com a subida às cachoeiras do Curuá e Trombetas, ou a internação em lagos (...). A memória dos descendentes de escravos retem com clareza a situação dos seus antepassados "*corridos da escravidão*", vindos das fazendas de Cacau de Alenquer, Óbidos e de Santarém. Seguidos por sucessivas expedições de captura os negros organizavam-se e interagiam numa situação de respeito/proteção mutua com os Índios Tumayas, firmando acordos e territórios. Nesse movimento de subida das cabeceiras também estabeleceram vínculos com os "*marrons*" da Guiana Holandesa. Com a decadência do período escravista as perseguições começam a se

Resumos do VI CBA e II CLAA

tornar mais brandas. As trocas comerciais com os “*marreteiros*”, navegações que buscam no Trombetas borracha e castanha, além de breu e outros produtos da floresta, ficaram mais constantes. Essa situação lentamente cria as condições para que os quilombos “*desçam*” as cachoeiras e se estabeleçam ao longo de toda área do Trombetas e Erepecuru.

O Rio Trombetas se encontra no município de Oriximiná, no extremo noroeste do Pará, sob o domínio da Floresta Amazônica. O clima é úmido, com a estação chuvosa, de dezembro a maio, com uma média de precipitação pluviométrica de 265,8 mm/mês; e estação seca, julho a outubro, com uma média de 72,3 mm/mês (MMA, 2001). A vegetação dominante é do tipo floresta ombrófila densa, com três variações: do tipo aluvial, de platôs e submontana (PROJETO MANEJO, 2000).

A região vem sendo dinamizada economicamente pelas operações da MRN, uma *join venture* constituída pela Vale do Rio Doce, Alcoa, Reynolds, entre outras. As instalações para a mineração criaram um novo centro urbano, a 80km de Oriximiná, Porto Trombetas. Como resultado das relações contraditórias dentro da visão modernizadora do Estado foram implantadas duas unidades de conservação: a Reserva Biológica do Rio Trombetas (Decreto 84.018/79) e a Floresta Nacional de Saracá-Taquera (Decreto 98.704/89). Estas áreas foram sobrepostas aos tradicionais territórios dos remanescentes de quilombos, e em que pese às indenizações aos “*proprietários de direito*” a época da desapropriação, sua implantação também foi de grande interesse para as elites locais.

Sobretudo a partir de 1985, com a instalação dos postos de fiscalização do IBAMA na boca dos lagos Erepecu e Jacaré, muitas práticas culturais relacionadas ao modo de vida ribeirinho passam a ser vistas como transgressão (O'DWYER, 1993). O processo de modernização atinge e desestrutura o sistema tradicional não só pela pressão econômica das novas atividades na área, mas também pela coerção legal.

O lago do Abuí está na margem esquerda do Rio Trombetas. A comunidade conseguiu a titulação das suas terras pelo ITERPA em 2003, num movimento liderado pela ARQMO (Associação de Remanescentes de Quilombos do Município de Oriximiná). Logo, a partir dessa data a gerência sobre o território é da esfera comunitária. São permitidas práticas como a pecuária, dês de que não interfira com a castanha, atualmente muito valorizada socialmente pela capacidade de gerar renda, por tanto organizadora do espaço e dos esforços.

Descrição da Experiência

Em campo a metodologia aplicada para a apreensão da realidade e das problemáticas relacionadas a produção alimentar foi prioritariamente participativa. Foram realizadas reuniões com a comunidade para a discussão do tema, e também entrevistas livres, acompanhadas de marcação de pontos para referencia e visita aos roçados. A distribuição espacial, o tamanho das roças, as variedades cultivadas, as inter-relações com outras práticas produtivas, sobretudo a da extração da castanha, foram as principais dimensões abordadas.

A matriz local de produção de alimentos é composta por: agricultura, pesca, caça e extração vegetal. Tendo na pesca e na agricultura, sobretudo na farinha de mandioca, a base da alimentação e na extração da castanha a base dos rendimentos econômicos.

A extração da castanha do Pará é a principal atividade econômica, por ser um produto valorizado no mercado internacional, e praticamente a única fonte de renda significativa dos quilombolas durante todo o ano. As comunidades possuem uma Cooperativa para viabilizar o escoamento da produção, fazendo o papel de atravessador entre cooperados e as usinas de beneficiamento em

Resumos do VI CBA e II CLAA

Oriximiná e Óbidos. É uma atividade bem organizada, tendo contado com apoio do Projeto “Castanha dos Quilombos”, e vem conseguindo um ganho real de renda para os comunitários. A própria concorrência causada pela cooperativa, que também compra de não-cooperados para suprir a demanda, faz subir os preços dos “*marreteiros*”. Outra conquista importante desse projeto foi a abertura da ReBio para o extrativismo: durante a safra é permitida a coleta de castanha por comunitários previamente cadastrados. Cabe ainda destacar que os maiores castanhais estão justamente nessa área.

Porem a extração da castanha só acontece no *inverno*, entre janeiro e maio. Ao fim do tempo de trabalho nos castanhais eles concentram as atenções na agricultura. No entanto por problemas de logística, ausência de um sistema eficiente de transporte hidroviário; e colocação, a cidade de Oriximiná e Porto Trombetas não conseguem absorver toda a produção; a atividade agrícola se encontra incapaz de fornecer rendimentos suficientes ao produtor, e por tanto se encontra estagnada numa condição próxima à de subsistência. Gera apenas alguns excedentes comercializados em sua maioria no interior da comunidade.

Os gêneros mais cultivados são a mandioca e a banana. Outras culturas, como a batata, abóbora, cará, tem uma importância muito reduzida. Servem apenas de entremeio para a produção dominante na organização dos roçados.

Essa tradição alimentar, fortemente ligada as trocas de saberes com os povos indígenas, se faz ainda muito presente. Todas as residências e mesmo as “*paragens*”, por mais humildes, possuem um forno para a fabricação da farinha, e ela é realmente o “*pão de cada dia*” dos quilombolas.

Também (re)criada a partir das interações com os povos indígenas a pratica de *rotação de terras* com derrubada, queima, cultivo e pousio para “*encapoeira*” tem se mostrado eficiente, no que diz respeito a fertilidade dos solos, mas começa a apresentar problemas devido ao crescimento da população. Muitas áreas já se encontram “*na capoeira*”, o que dificulta o cultivo, obrigando a abertura de novas roças em locais mais distantes, seja nas margens do lago em direção ao coicézinho (NW no lago), seja em trilhas mais “*para dentro*” da floresta. Esse maior deslocamento do local de moradia obviamente traz prejuízos para a produção.

No entanto, a médio e longo prazo, o esgotamento das áreas pode vir a se tornar um problema crítico. Pois além das terras a beira do lago estarem cada vez mais ocupadas por “*capoeiras*”, e pastos para criação de gado, também os castanhais, que não podem ser expostos ao fogo, são uma barreira para a expansão desse modelo agrícola.

Resultados

A tendência para o esgotamento das áreas de vegetação florestal plenamente consolidada torna necessário o desenvolvimento de uma agricultura que possa aproveitar melhor as “*capoeiras*”. Uma estratégia desse tipo além de significar uma racionalização do espaço também traz vantagens em relação ao menor uso de mão de obra – visto que as novas roças são abertas na “*lei do machado*”.

Isso pode ser conseguido seguindo duas linhas diferentes, e complementares, de ação. A primeira buscando resultados a curto prazo e a outra a médio/longo prazo: (1) Técnicas de adubação e a utilização de roçadeiras mecânicas para contornar os problemas de fertilidade do solo e do rápido crescimento da capoeira, buscando a manutenção de roçados de mandioca e outros gêneros por mais tempo na mesma área. (2) Aplicação de Sistemas Agro-Florestais para o enriquecimento da capoeira, a fim de (re)compor roçados antigos de forma a manter uma produção de gêneros agrícolas e extrativos.

Resumos do VI CBA e II CLAA

Ambas as estratégias devem ser analisadas mais a fundo com o objetivo de construir um projeto de extensão rural capaz de elevar, e diversificar, a produção agrícola.

Referências

MMA - MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. "Plano de manejo da Floresta nacional de Sacará-Taquera, estado do Pará – Brasil". Curitiba, 2001.

PROJETO MANEJO DOS TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS. "*Zoneamento Agroecológico nas Terras Quilombolas Trombetas e Erepecuru*". ARQMO, CPI-SP, Embrapa. 2000.

O'DWYER, Eliane Cantarino. "Remanescentes de Quilombos na Fronteira Amazônica: A etnicidade como instrumento de luta pela terra". Departamento de Antropologia, ICHF-UFF. Rio de Janeiro, 1993.

ACEVEDO, R.; CASTRO, E. "*Negros do Trombetas: guardiães de matas e rios*". Cejup/UFFA-NAEA. Belém, 1998.